

Cadernos do Patrimônio Imaterial

Comunidade dos Arturos



Cadernos do Patrimônio Imaterial

Volume 2

Comunidade dos Arturos

1ª Edição

GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS

Alberto Pinto Coelho – Governador

SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA

Eliane Denise Parreiras Oliveira – Secretária

Maria Olívia de Castro e Oliveira – Secretária adjunta

INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE MINAS GERAIS – IEPHA/MG

Fernando Viana Cabral – Presidente

Danielle Cristine de Faria – Chefe de Gabinete

Angela Maria Ferreira – Diretora de Proteção e Memória

Dirceu Alves Jácome Junior – Diretor de Planejamento, Gestão e Finanças

Fioravante Vendramini – Diretor de Conservação e Restauração

Marília Palhares Machado – Diretora de Promoção

Diretoria de Proteção e Memória – DPM

Raphael João Hallack Fabrino – Gerente de Identificação

Luis Gustavo Molinari Mundim – Gerente de Patrimônio Imaterial

Rosana de Souza Marques – Gerente de Patrimônio Material

PREFEITURA DE CONTAGEM

Carlos Magno de Moura Soares – Prefeito

João Guedes Vieira – Vice-prefeito

Renata Lima – Presidenta da Fundação Cultural de Contagem

Tiago Alves Ferreira – Coordenador de Políticas de Memória e Patrimônio Cultural

C741 Comunidade dos Arturos / Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais. – 1. ed. – Belo Horizonte : Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, 2014.

56 p. : il. ; 26 cm. – (Cadernos do Patrimônio ; v. 2)

ISBN: 978-85-66502-04-6

1. Comunidade dos Arturos – Contagem (MG). 2. Comunidades tradicionais. 3. Patrimônio cultural. 4. Patrimônio imaterial. I. Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais.

CDD – 398.098151

Figura 1: Intina, Induca, Bli, Tectane, Tita, Mário, Geraldo e Antônio – Foto: Lucio Dias/Acervo Comunidade dos Arturos.





A Comunidade Quilombola dos Arturos revela a beleza das tradições Africanas, por meio de ritos, crenças, valores, hábitos, música e danças que guardam a pureza de suas raízes. Mantém viva a cultura negra, recebida dos ancestrais e conservada na experiência do sagrado, por meio das festas religiosas. As relações familiares, de vizinhança e posse coletiva da terra, também são mantidas vivas pela tradição, que são passadas de geração em geração.

Nas festas religiosas, na devoção à Nossa Senhora do Rosário e demais santos negros (São Benedito e Santa Efigênia), os Arturos buscam a força para superar os desafios da vida cotidiana. Além da fé, as expressões culturais também estão presentes nos sons e ritmos do Batuque, na Folia de Reis, no Candombe, no Reinado, na Festa da Abolição e de João do Mato.

O reconhecimento da Comunidade dos Arturos como patrimônio imaterial de Minas e do Brasil, só reforça a importância da cultura negra, tradições essas que relembram a luta do povo africano. O Brasil tem uma grande dívida social com os negros. Foi a força do povo africano, junto com suas tradições, religiosidade e cultura, que ajudaram a construir o nosso país. A fé e religiosidade transformadas em festa foram as formas encontradas pelos Arturos para superar a marca do sofrimento vivido pelos seus antepassados.

E a relação da cultura negra com a cidade de Contagem não foge à regra. Criada a partir da instalação de um posto de registro da coroa portuguesa, às margens do Ribeirão das Abóboras, nas terras da sesmaria do capitão João de Souza Souto Maior, para fazer a contagem do gado que vinha da região do Rio São Francisco em direção à região das minas (Ouro Preto e Mariana), inicialmente, a região se apoiou no tráfico de escravos. Com eles permaneciam as tradições antepassadas e às resistências ao sistema escravista.

Moradores centenários de Contagem, os Arturos originam-se do negro Arthur Camilo Silvério e sua esposa, Carmelinda Maria da Silva - eles primeiros da família quilombola. Por meio de Arthur (pai) se formaram os Arturos (descendentes), em que o nome mostra a força da ancestralidade.

Assim, a relação dos Arturos com Contagem considera o desenvolvimento do município. Os ritos e festas deixados por eles representam um grande e importante patrimônio cultural da cidade, que vem sendo cultivado, incentivado e respeitado pelos contagenses.

Esse reconhecimento da comunidade como patrimônio imaterial, não só contribui com a divulgação dessa diversidade cultural e riqueza da nossa gente para além das nossas fronteiras, como também estimula outras comunidades quilombolas a alcançarem o mesmo valor em suas tradições.

Apesquisa apresentada nesta revista, realizada pela coordenadoria de Políticas de Memória e Patrimônio Cultural da Fundação de Cultura de Contagem e a Gerência de Patrimônio Imaterial do IEPHA, reforça a importância desse patrimônio, apresentando registros importantes da comunidade quilombola e de sua trajetória. Referendam essas tradições que se apresentam nas ações cotidianas e na memória dos descendentes.

A coordenadoria de Políticas de Memória e Patrimônio Cultural tem tido um papel importante na pesquisa e no desenvolvimento das políticas de proteção ao patrimônio da cidade.

Carlin Moura
Prefeito de Contagem MG

É para nós um momento precioso em documentar, por meio do segundo volume do *Cadernos do Patrimônio Imaterial*, a história da Comunidade dos Arturos, presente no município de Contagem, Minas Gerais, pois são muito importantes o reconhecimento, a salvaguarda e a difusão da grande diversidade de valores e saberes que Arthur Camilo Silvério e Carmelinda Maria da Silva transmitiram, ao longo de suas vidas, aos seus descendentes e agregados.



Hoje, na vivência diária, os Arturos preservam e recriam importantes manifestações e expressões culturais, vinculadas à cultura negra, como o Batuque, a Folia de Reis, o Candombe, o Reinado/Congado e a Festa de Nossa Senhora do Rosário, exemplos maravilhosos da diversidade cultural de Minas Gerais.

Por outro lado, esta publicação reforça o nosso compromisso de proteger e promover o patrimônio imaterial e complementa a importante parceria entre o IEPHA, os Arturos e a Prefeitura Municipal de Contagem.

O Registro da Comunidade dos Arturos foi o terceiro bem imaterial reconhecido pelo IEPHA, sendo aprovado por unanimidade pelo Conselho Estadual do Patrimônio Cultural. Além disso, o Registro dos Arturos foi o primeiro de Minas e do Brasil, a reconhecer uma Comunidade Tradicional como patrimônio cultural, fato que amplia os horizontes do patrimônio cultural, os direitos dessas populações, e nos emociona pela rara oportunidade de conviver com tamanha riqueza de valores.

Fernando Viana Cabral
Presidente do IEPHA/MG



Figura 2: Velas e Coroas – Foto: Acervo IEPHA/MG.

SUMÁRIO

Patrimônio Cultural Imaterial	09
Apresentação	12
A Comunidade dos Arturos	17
Reinado	19
Candombe	21
Guarda de Congo	23
Guarda de Moçambique	25
Festa de Nossa Senhora do Rosário	27
Levantamento de Mastros	29
Construção de Tambores	31
Festa da Abolição	33
Culinária dos Arturos	35
Festa do João do Mato	37
Folia de Reis	39
Batuque	41
Benzeção e Ofício da Benzeção	43
Conhecimentos das Plantas	45
Mestres Dona Tetane, Seu Mário e Seu Antônio	47
Grupo Filhos de Zambi	49
Localização de Contagem	51
Notas	53
Referências Bibliográficas	55



Figura 3: Tambores – Foto: Acervo IEPHA/MG e FUNDAC.

O chamado Patrimônio Cultural Imaterial é entendido como “as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – em conjunto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados – que as Comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este Patrimônio Cultural Imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas Comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana”¹.

O Patrimônio Imaterial se manifesta em vários aspectos e em particular nas tradições e expressões orais, incluindo o idioma; nas expressões artísticas, nas práticas sociais, rituais e atos festivos; nos conhecimentos e práticas relacionados à natureza e ao universo, nas técnicas artesanais tradicionais, entre outros. O Patrimônio Imaterial, como a própria dinâmica da cultura, não possui limites físicos que o separe de sua vertente material e nem da sociedade ou grupo que o produz. O Patrimônio Cultural Imaterial está profundamente relacionado com os praticantes e sem eles não existe razão de ser. Tem características específicas que devem ser levadas em consideração nas diversas ações de política pública de valorização, assegurando aos seus praticantes a possibilidade de continuidade.

Entre os instrumentos de proteção dos bens culturais imateriais estão o Inventário, o Registro e a Salvaguarda. Basicamente, o Inventário é o primeiro passo no sentido de colher informações e conhecer o bem cultural. O Registro visa à inscrição do patrimônio cultural no livro dos Saberes, das Celebrações, das Formas de Expressão, dos Lugares, ou outros, tendo sempre como referência a continuidade histórica do bem e sua relevância para a memória, a identidade e a formação da sociedade. Além disso, o Registro é o reconhecimento pelo Estado de que determinado bem cultural tem caráter identitário e, portanto, constitui-se em Patrimônio Cultural. Por fim, a Salvaguarda é o conjunto de ações no sentido de reconhecer, valorizar, estimular, fomentar, divulgar e promover o bem cultural e deve ser construída prioritariamente com os responsáveis por sua existência.

O Estado de Minas Gerais apresenta diversidade e riqueza referentes ao Patrimônio Cultural Imaterial. Reinados/Congados, festas, cantos, culinária, folias, artesanatos, modos de fazer, lugares e tantos outros bens, que constituem expressões culturais dos mineiros. Estas manifestações precisam ser conhecidas, valorizadas, reconhecidas e salvaguardadas. Assim, o papel do Estado, por meio do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA/MG) e de sua Diretoria de Proteção e Memória (DPM) é reconhecer, valorizar, apoiar e promover esse patrimônio.

Gerência de Patrimônio Imaterial – IEPHA/MG



Figura 4: Carmelinda Maria da Silva – Foto: Acervo Comunidade dos Arturos.



Figura 5: Arthur Camilo Silvério – Foto: Acervo Comunidade dos Arturos.

O segundo exemplar do *Cadernos do Patrimônio Imaterial* apresenta a **Comunidade dos Arturos**. A publicação temática, cujo objetivo é o de contribuir para o reconhecimento dos bens culturais do Estado, traz nesse volume um resumo dos estudos realizados na Comunidade pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais – IEPHA/MG, entre os anos de 2012 a 2014. Nesse período, numa convivência quase que diária, foi possível constatar a importância e a relevância da Comunidade como mantenedora de diversas tradições culturais de Minas e do Brasil.

Para os que não conhecem, os Arturos são uma Comunidade familiar, tradicional, de ascendência negra, formada pelos descendentes e agregados de Arthur Camilo Silvério e Carmelinda Maria da Silva. Em sua vivência diária detêm diversas expressões culturais. Os sons e os ritmos ditados pelas batidas dos tambores são constantes em todos os momentos e estão presentes no Batuque, na Folia de Reis, no Candombe, no Reinado de Nossa Senhora do Rosário, na Festa da Abolição e na Festa do João do Mato. Nos quintais e nas matas da Comunidade permanecem as antigas práticas dos conhecimentos relacionados às raízes e plantas. Nos Arturos também estão presentes o ofício e o rito da benzeção, a construção de tambores, as guardas do congado, a culinária e tantos outros. Um lugar de referência cultural, *onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas*,² e que mantém preservada uma herança cultural já desaparecida em outros contextos, herança cultural essa que confere identidade e pertencimento e que representa a diversidade cultural de Minas Gerais e do Brasil.

Desde o início das pesquisas as diversas produções existentes referentes à Comunidade como livros, teses, dissertações, monografias, vídeos, jornais e revistas evidenciavam e caracterizavam os Arturos como um lugar de referência, um espaço de memória, mas, sobretudo de ação e de vida. Na condução dos estudos houve um esforço para a efetiva participação da Comunidade. O objetivo era e sempre foi o de construir um estudo que representasse a Comunidade dos Arturos e no qual seus membros se reconhecessem. Assim, em todo o processo foram realizadas entrevistas, gravações, fotografias, registros audiovisuais em várias visitas a Comunidade. Como resultado foram tiradas aproximadamente 7587 fotos, realizadas em torno de 60 horas de filmagem, inúmeras páginas de transcrição de entrevistas e documentos, fichamentos, levantamentos de dados, preenchimento de fichas e análises. Tudo para tentar formar uma visão geral da Comunidade e valorizar as expressões culturais existentes, reconhecendo a Comunidade como patrimônio cultural do Estado.

Vale salientar que o trabalho desenvolvido na Comunidade dos Arturos marcou uma série de ineditismos. Do ponto de vista metodológico, o inventário e o processo de Registro marcaram a aplicação e a consolidação da metodologia desenvolvida pela instituição para identificar e compreender os bens culturais de natureza imaterial. Nesse esforço foram adaptadas metodologias, sempre com a preocupação de envolver e destacar os agentes do bem cultural. No caso dos Arturos o envolvimento foi constante e a espinha dorsal do processo.

Na execução das pesquisas houve uma parceria entre a Comunidade dos Arturos, a Gerência de Patrimônio Imaterial do IEPHA/MG – GPI e a Coordenadoria de Políticas de Memória e Patrimônio Cultural da FUNDAC do município de Contagem/MG. Além da equipe técnica, diversos colaboradores somaram esforços na grande empreitada que foi o caminhar da pesquisa.

O entendimento de uma comunidade tradicional enquanto um *Lugar* de referências culturais, embora óbvio, também é algo inédito. Tal reconhecimento insere, nas atividades do patrimônio cultural, uma série de espaços de sociabilidade onde se concentram e se reproduzem práticas culturais coletivas, até então não observados. Nessa perspectiva, a comunidade é a base. É a partir da tessitura, da trama oriunda das ligações familiares, religiosas e culturais existentes na Comunidade dos Arturos em confluência com sua vivência, que possibilitam a existência de todos os demais bens culturais.

Por fim, o Registro da Comunidade dos Arturos como Patrimônio Cultural Imaterial, será o terceiro bem cultural de natureza imaterial protegido pelo Estado de Minas Gerais e o primeiro no Brasil e em Minas Gerais de uma Comunidade. A experiência certamente amplia o uso da categoria Lugares e pode servir como incentivo para o reconhecimento de outras Comunidades Tradicionais que permanecem vivas e que promovem a manutenção de seus bens culturais.



Figura 6: Criança depositando coroa no altar – Foto: Lucio Dias.

1888

Receita

Mai	Saldo demonstrado na conta fechada nesta data como se vira em outro livro que finalizou-se a folsas 46 e homologada por sentença do Doutor Juiz de Direito na mesma data f. 063 e 31	
	Com virtude de apontamentos exhibidos pelo actual Thesoureiro da Irmandade de N. S. do Rosario de las or lencamentos como segue-se	
30	Esmola tirada com a salva p. ^a José Vieira Junior	2489
Junho 20	Maria Joaquina Felisberta. pag. annual de 1888	85
29	Esmola tirada com a salva p. ^a José Gomes, f. lho	686
Julho 29	Esmola tirada com a salva p. ^a Augusto Teixeira Camã	2088
Agosto 27	Esmola tirada com a salva p. ^a José Pedro D. Alcantara	3781
Outubro 31	Esmola tirada com a salva por Guilherme Neto Junior. no correr do mez de Setembro	2088
3	Guilherone Neto deu de esmola	21
21	Quartia entregue p. ^a Camillo Silveiro como regente do Congado	8800
28	Esmola tirada com a salva p. ^a Joa. ^o N. de Souza	2183
Novembro 25	Esmola tirada com a salva p. ^a José Gualberto de Jesus	2700
Dezembro 2	Produto de um leilão dado pelo Sr. J. Custodio e entregue pelo Sr. Antonio José da Costa Ferreira	3000
22	Anna Paula deu de esmola p. ^a Nossa Senhora	860
	Sr. Francisco Alves pag. annual de 1888	850
31	Esmola tirada com a salva p. ^a Antonio f. de J. Custodio	25890
1889		25860
Janerio 27	Esmola tirada com a salva p. ^a Sr. Antonio Maranhão	20110
Fev. 23. 89	Práximo Donato de L. entregou esmolla tirada na salva	22191
Março 31	José Pio f. ^o de João Pio entregou esmolla dada na salva	13850
Abul 12	Esmolla q. deas p. ^a cumprir promessa	12134
Abul 28	Sezarino entregou esmolla dada na salva	10100
Março 23	S. ^a Antonio José da Costa f. lho entregou o legado de Sr. Francisco de Paula S. ^a	
	Summa	736531

Figura 7: Doação de Camillo Silveiro a Irmandade do Rosário de Contagem - Foto: IEPHA/MG, Acervo: Memorial da Arquidiocese de Belo Horizonte.

1888

21 de outubro - Quantia entregue por Camillo Silvério como Regente do Congado. 8\$000*

**Trata-se de doação de Camillo Silvério, pai de Arthur Camilo patriarca da Comunidade, como regente do Congado, para a Irmandade do Rosário de Contagem. Existem ainda outras 02 doações como regente uma no dia 25 de agosto de 1889, no valor de 3\$000 e outra no dia 05 de outubro, no valor de 2\$000.*

Livro de Receitas e despesas da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, 1888 – 1889. Cx. 99, (E. 1 – P. 6). MEMORIAL DA ARQUIDIOCESE DE BELO HORIZONTE: Listagem dos Livros de Registros Paroquiais. Paróquia São Gonçalo – Contagem.

Figura 8: Bastião do Capitão Regente do Congado – Foto: Acervo IEPHA/MG.



A Comunidade dos Arturos

Falar sobre os Arturos é dizer sobre o rico e vívido universo da cultura. É falar sobre lutas, união, força, fé, devoção, identidades. Tradições que romperam o tempo e que se tornaram Patrimônio Cultural. É falar sobre indivíduos que souberam e puderam preservar até os dias atuais, valores de uma herança cultural que confere identidade e pertencimento e representa a diversidade cultural das Minas Gerais e do Brasil.

A Comunidade é fruto da união de Arthur Camilo Silvério e Carmelinda Silva, descendentes de escravos negros africanos, que viviam e trabalhavam, no início do século XX, na região dos atuais municípios de Contagem/MG e Esmeraldas/MG. Com o passar dos anos, a Comunidade dos Arturos se estruturou em torno da família e da devoção a Nossa Senhora do Rosário e ficou conhecida pelo nome de seu patriarca Arthur Camilo. Surgia assim os Arturos que, em suas palavras, “há mais de 100 anos, preserva e atualiza diversas tradições da cultura negra brasileira”³.

Atualmente a Comunidade conta com cerca de 500 pessoas, entre descendentes e agregados que vivem, em sua maioria, no terreno herdado de Camilo Silvério da Silva e Felisbina Rita Cândida, pais de Arthur Camilo. Camilo Silvério também deixou para os filhos os valores do Reinado de Nossa Senhora do Rosário. Ele era *Regente do Congado* da antiga Irmandade do Rosário de Contagem no ano de 1888⁴.

Daquele período para cá, muitas mudanças aconteceram e os Arturos tornaram-se sinônimo de Reinado e Congado, não somente para a região, mas também no estado e no país. A Comunidade dos Arturos passou a se constituir como um lugar de referência cultural, de resistência, um lugar onde se vive, e se preservam diversas tradições da cultura brasileira, como as folias, a culinária, a Benzeção, o congado/reinado, entre outras.

Ser Arturos não é simplesmente ser Arturos. É ter uma cultura, é ter o que falar para as pessoas, é ter uma origem.

Fábio Josué

O Arturos pra mim é... É minha família, meu povo.

Helena

Porque o senhor imagina viver com o ser humano, né? Então viver em Comunidade é uma coisa boa, em família. Sempre, adoeceu você pede uma sobrinha pra ajudar, uma nora tá ali ajudando, igual a minha mãe, né. Aqui, né. É muito bom viver em Comunidade, é muito bom mesmo.

Fátima

A comunidade aqui ele é boa de sobreviver porque existe um respeito!
Seu Antônio



Figura 9: Imagem de Nossa Senhora do Rosário – Foto: Lucio Dias.

Reinado

O Reinado possui um significado amplo e profundo, é uma cosmovisão, uma concepção de mundo que organiza a vida dos grupos que dele participam, definindo ações e posturas diante da realidade⁵. Para os Arturos, o ano está dividido em dois tempos: o período do reino “aberto” e o período do reino “fechado”. De forma mais simplificada, o Reinado, é o momento em que o Candombe e as guardas estão ativos, a parte do ano em que os tambores tocam e os congadeiros cumprem a missão de louvar a Virgem do Rosário.

Muitos denominam o *Reinado* como o *Congado dos Arturos*. Embora as duas palavras sejam utilizadas, é importante destacar que a denominação não é consensual, nem entre os Arturos, nem entre estudiosos e existem diversas argumentações sobre o tema. Ponto pacífico é que, para a Comunidade dos Arturos, tal nomenclatura não altera a vivência, tão pouco a fé e as tradições vinculadas a devoção a Nossa Senhora do Rosário⁶.

Podemos descrever o Reinado como a junção entre crenças e valores africanos, especialmente de origem banto, integrados à fé e a liturgia católica. E é essa cosmovisão de vida que rege a prática comunitária dos Arturos. O culto aos ancestrais, a crença de que passado e presente coexistem em um mesmo plano, somados a devoção à Virgem do Rosário e à Santíssima Trindade, permite vislumbrar o eixo central dessa fé, compartilhada e vivenciada durante todo o ano.

O reino aberto é, portanto, o período mais importante no ano da Comunidade. É o momento em que reis, rainhas, guardas e todo o séquito cumprem sua função sagrada, seu dever. Também é o período em que os tambores sagrados, capazes de fazer o elo entre a dimensão dos vivos e dos antepassados mortos, tocam. Os principais deles são tocados durante a cerimônia do Candombe, conhecido como “Pai do Reinado”. Nesse período também atuam a Guarda de Moçambique, responsável por conduzir o Trono Coroado, e a Guarda do Congo, que vai à frente, limpando os caminhos para que o Moçambique e a Realeza passem.

A família aqui toda nasceu dentro do Reinado. Então não existe, porque o pessoal fala Congado, mas antigamente era Reinado. Agora, o pessoal, aqui, porque aí esses vindouros não sabe o quê que é. Porque aqui é Contagem, somos a cidade mais rica que existe por aqui, é Contagem. Porque ela tem um Reino, que é esse pedaço de terrinha de papai. Que isso que cês tá vendo essa Comunidade aqui foi formada por Arthur Camilo Silvério um Reino, aqui dentro. Que nós nunca brincou na guarda de fora, nós nunca saiu pra outra guarda, nós sempre aqui com ele. Então, se chama Reinado. Eu acredito que é o lugar que Nossa Senhora tá presente aqui com nós toda hora, que isso aqui é Dela, não é nosso.

Seu Antônio

Figura 10: Tambores do Candombe: Santana, Santaninha e Jeremias - Foto: Acervo IEPHA/MG.



Candombe

O Candombe tem significados distintos, pode ser entendido tanto como os tambores sagrados quanto a cerimônia que se realiza em torno deles. Na América Latina, especialmente no Uruguai, também existem rituais denominados de Candombe, no entanto, seus repertórios variam conforme o local. Unanimidade é a presença dos tambores sagrados, instrumentos que, segundo a crença, são capazes de unir o passado ao presente, a dimensão dos antepassados à dimensão dos viventes.

Em Minas Gerais, o Candombe ocorre em alguns lugares e tem a característica de ser mais reservado, sendo restrito a um grupo familiar ou comunidade. Para os Arturos, o Candombe é a cerimônia mais solene, importante e profunda de todo o Reinado. Segundo as crenças do Congado, foram seus instrumentos que retiraram Nossa Senhora das águas, dando início ao seu reinado na terra, ou o segundo reinado, – o primeiro reinado de Nossa Senhora é no céu, junto a Deus e seus anjos. O Candombe também é o momento de se lembrar do passado de sofrimento e dor, vivido por seus ancestrais escravos, que se fazem presentes naquele momento⁷.

Na Comunidade estão presentes três tambores sagrados. O *Santana*, que serviu de andor para Nossa Senhora do Rosário no trajeto até o altar, o *Santaninha*, e o *Jeremias*, também conhecido como *Chama*. Os Arturos acreditam que seus tambores sejam muito antigos, ainda do período da escravidão, e que foram os escravos que construíram. Dizem que foram doados por José Aristides, importante congadeiro, a Arthur Camilo Silvério.

Não se tem uma referência exata de quando o ritual começou a ser realizado nos Arturos. Acredita-se que Arthur Camilo já participasse do Candombe, juntamente com Virgolino, fundador da Irmandade do Jatobá e outros capitães do congado da região, antes mesmo da formação da Comunidade.

O Candombe abre e fecha o Reinado e é realizado somente nesse período: *“A abertura é com os tambor. Primeiro tem que dar o sinal nos tambor. Tem que falar a linguagem nos tambor. Bate uma volta de Candombe, ou duas ou três.”*(Geraldo Arthur Camilo em entrevista para Glaura Lucas)

A cerimônia acontece no interior da capela do Rosário e consiste em tocar os candombes, percutidos pelas mãos, enquanto um grupo de homens, mulheres e eventualmente crianças propõe pontos (cantos) e dançam. Antes de iniciar o rito é preciso pedir licença aos tambores. Segundo os participantes, os cantos propostos no Candombe são os pontos que eram cantados pelos escravos e que tinham significado secreto, usado para se comunicarem.

Então ficô seno o tambô sagrado, o Candome. É ele tiro ela. Num tambô ela veio sentada, igual andô. É Santana. Por isso nós começa o candome assim: Ê tamborete sagrado.

Geraldo Arthur Camilo

É preciso pedir licença aos tambores e pedir a benção do Pai Eterno, pedir licença para entrar na casa dele. Eu me sinto com mais de cem anos, quando tô tocando o Santana.

José Bonifácio (Bengala)



Figura 11: Criança da Guarda de Congo – Foto: Acervo IEPHA/MG.

Guarda de Congo

As guardas existentes no Reinado, como a Guarda de Congo, estão relacionadas com os processos de mestiçagem cultural⁸ ocorridos entre a fé cristã católica e os escravos negros. Tal estrutura consistia nas práticas sincréticas exercidas pelos escravos, como a coroação dos reis negros e os festejos com dança, música e teatro.

Na América Portuguesa, as celebrações religiosas associadas à devoção dos santos negros ganharam força no século XVIII, ampliando a prática do Reinado/Congado nas comunidades negras. A celebração era e é permeada por influências africanas e europeias, mas os instrumentos, os ritmos e a eleição dos reis, apresentavam fundamentos essencialmente afros. Ainda que subjetiva, a ritualização desse costume carregava uma configuração social proveniente da África, com hierarquização, linhagem e reverência à ancestralidade. Nesses festejos, a figura de Nossa Senhora do Rosário é superior, é por ela que se dança, canta e vive.

Nesse contexto, a identidade da Guarda de Congo se constitui a partir da crença no aparecimento de Nossa Senhora do Rosário nas águas. Segundo a narrativa, o Congo se dirigiu para a areia, tocando seus instrumentos para que a santa sáísse do mar, no entanto, apenas conseguiu fazer com que a imagem se movesse rapidamente, sendo retirada das águas somente pelos negros mais velhos, os moçambiqueiros. Nessa perspectiva, a Guarda de Congo vai à frente de todos os cortejos, com um canto alegre e festivo, enfeitando e abrindo caminho para a Guarda de Moçambique e o Reino passarem.

Na Comunidade dos Arturos a Guarda de Congo foi formada, no final dos anos 50. É composta por homens e mulheres de várias idades. A guarda apresenta ocupações como a do Capitão-mor, Capitão-guia, entre outros. O Rei e a Rainha Conga são as principais referências religiosas, a representação do reino das nações africanas e é a sua presença que constitui o Reinado dos Arturos. Com essa estrutura, a Guarda de Congo segue limpando o percurso e enfrentando os males. Anuncia também, com suas alegorias, fitas, brilhos e cores, o Trono Coroado.

Então, na minha Comunidade, eu sou feliz por causa disso. Eles me dão apoio, eles me dão aquilo que eu quero, aquela liberdade de ser um mestre de Congo, aonde eu tenho a minha sobrinha, a minha prima, as minhas tias, os filhos deles, todos compartilham comigo na Guarda do Congo. A partir do momento que eles uniformiza, que eles estão entregues à Irmandade de Nossa Senhora do Rosário.

José Bonifácio (Bengala)

Aí convidaram a guarda pra ir lá tirar ela foi o congo, né. O congo tem viola, tem pandeiro, tem muita fita, ela gostou do canto. O Moçambique é mais lento, ele foi, ela gostou, e os tambor bateu, ela tem os Santana, chama Santana porque ela saiu do mar e sentou nele.

Seu Mário



Figura 12: Capitão da Guarda de Moçambique – Foto: Acervo IEPHA/MG.

Guarda de Moçambique

A formação da Guarda de Moçambique também tem sua origem associada ao sincretismo religioso entre a matriz africana e a europeia, proveniente da interação portuguesa e do tráfico de escravos do século XVI. Nesse contexto, a fé católica foi introduzida no imaginário da população cativa trazida para a colônia portuguesa, propiciando o surgimento de ritos, festejos e celebrações, resultando em um “catolicismo negro” na colônia. Ao passo que os dogmas católicos eram utilizados como instrumentos de dominação, os santos negros se apresentavam como elementos de proteção e amparo à sociedade africana escravizada.

Nessa conjuntura, de acordo com a fundamentação mítica, as guardas de Congado teriam se formado ainda na África, quando a imagem de Nossa Senhora do Rosário apareceu nas águas. Conforme a lenda, inicialmente a Guarda de Congo se dirigiu para a areia tocando seus instrumentos, na tentativa de retirar a santa do mar, mas a imagem apenas se movimentou rapidamente. Posteriormente, os negros mais velhos, os moçambiqueiros, bateram seus tambores, cantaram e pediram que a santa os protegesse, pedido que foi atendido. Então a Nossa Senhora do Rosário se encaminhou, no movimento das ondas, lentamente, até chegar à margem, lhes concedendo a graça de retirá-la da água. Os negros carregaram a Santa sobre seus tambores: o Santana, Santaninha e Jeremias, instrumentos sagrados utilizados no Candombe. Assim, é a partir dessa crença que a Guarda de Moçambique atua, relembrando a origem de seus antepassados africanos.

Nos cortejos o Moçambique caminha após o Congo, com ritmo e canto lento e pausado, acompanhado por uma dança vertical, rememorando o sofrimento dos seus ancestrais africanos. Os moçambiques são conhecidos como os “donos de Coroa”, os responsáveis pela condução e proteção do Trono Coroado. A Guarda é composta essencialmente pelos homens mais velhos da Comunidade, embora também possua mulheres e membros de outras idades.

Atualmente, as principais referências nas guardas, tanto no Congo quanto no Moçambique, são o Sr. Antônio Maria da Silva, Mestre da Guarda de Moçambique e Capitão Regente da Comunidade e Mário Braz da Luz, Capitão-Mor da Comunidade, ambos filhos de Arthur Camilo e Carmelinda Maria.

Maçambique é de nego véio que sabe das coisa. É mais antigo, da linha de Angola, de nego da Costa. Antigamente eles falava língua de nego e ninguém entendia. O Congo é mais vassourinha, mais de caboclo. Más nós é que guarda o Maçambique, ali na frente. Eles vem mais atrás, guardando a coroa e os rei.

Seu Mário



Figura 13: Altar da Capela da Comunidade - Foto: Acervo IEPHA/MG.

Festa de Nossa Senhora do Rosário

As Festas em louvor a Nossa Senhora do Rosário acontecem por toda Minas Gerais. A devoção a Santa está relacionada à ajuda aos mais necessitados e aos escravos negros. A Festa do Rosário da Comunidade dos Arturos é uma celebração extremamente importante, é o momento onde todos se reúnem em diferentes funções e louvam a Virgem.

A festa é antiga, desde meados do século XIX, a devoção à santa já existia e a festa era realizada pela Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Contagem, formada em 1867. A Irmandade possui forte relação com a Comunidade dos Arturos sendo vista, atualmente, como extensão uma da outra. Segundo os relatos, Arthur Camilo saía da Fazenda do Macuco, acompanhado pela esposa e pelos filhos, para participar dos eventos em homenagem à Virgem do Rosário em Contagem. A devoção e participação na festa tornaram Arthur reconhecido, até hoje, como importante capitão do Congado. A Comunidade seguiu participando da celebração e cada vez mais se tornou responsável pela festividade, e na década de 1970 passou a ter a predominância no evento.

A festa reúne uma série de ritos e expressões culturais que ocorrem simultaneamente em diversos locais. Durante o evento, as guardas, cada qual com seu ritmo e vestuários próprios, tocam em louvor aos santos. Todos agradecem pela vida, relembram o tempo de cativo e pedem bênçãos aos reis. A celebração segue com o levantamento dos mastros e estandartes festivos. Os cruzeiros e as imagens presentes na capela possuem dimensão simbólica e a comida se torna alimento do corpo e da alma.

Os participantes da festa são envolvidos em sua totalidade sensorial, com momentos de grande carga emocional, abrangendo os aspectos sagrados e profanos da existência. Estabelecer e reestabelecer contratos entre o sagrado e o profano sob a forma de promessas e atos devocionais são tarefas a serem cumpridas nos três dias da festa. Músicas de devoção, acompanhadas por danças e passos característicos de cada guarda, são entoadas durante quase todos os momentos.

A festa reafirma a identidade da Comunidade dos Arturos, pois nela estão presentes as tradições herdadas dos pais fundadores. A celebração é a face mais exposta da Comunidade e por onde se torna mais conhecida e onde os elementos estéticos, da dança e de outras tradições estão em maior evidência.

A Senhora do Rosário aqui é a vida nossa, sabe? A gente vive dentro daquela fé viva. Qualquer coisa que a gente precisa a primeira, antes de falar mãe a gente fala Nossa Senhora do Rosário.

Ana Lúcia

A fé em Nossa Senhora faz a gente se unir e se segurar. As vezes a gente fica assim ah hoje eu não vou, mas na hora que bate a caixa ocê lembra assim epa Senhora do Rosário! Eu não tô indo por, por mim as vezes, ocê entendeu? Eu tô indo porque eu amo Nossa Senhora do Rosário, porque tudo que eu peço ela me dar. Então pela a fé em Nossa Senhora do Rosário eu acho que isso nunca acaba.

Maria Lúcia



Figura 14: Levantamento dos mastros no Cruzeiro da Casa da Cultura – Foto: Acervo IEPHA/MG.

Levantamento de Mastros

O Levantamento de mastros é uma tradição ancestral celebrada originalmente em diversos países da Europa, inclusive em Portugal. O hasteamento dos mastros tem origem pagã e simbolizava a força e fertilidade masculina e o ponto de conexão entre dois mundos: a terra e o céu. Ao longo do tempo o ritual sofreu modificações em sua essência original, sendo apropriado pelo catolicismo, que passou a erguer os mastros em devoção às suas divindades.

No Brasil, a prática é realizada desde o século XVIII. Existem registros de levantamento de mastros na Bahia em 1718, e em Pernambuco, em 1745, quando os pardos da Irmandade de Nossa Senhora do Livramento, ergueram oito mastros, adornados com fitas e bandeiras de santos, nos festejos de São Gonçalo. Desde essa época, em várias localidades do país, nos dias consagrados aos santos católicos ou à Santíssima Trindade, são levantados mastros, ornados e encimados pela bandeira do homenageado⁹.

Em alguns lugares, o início do ritual é acompanhado por música, canto e foguetes; em outros, existe somente o “levantar da bandeira”. O ritual de içar os mastros enfeitados com fitas, laços, papéis, flores, cores e bandeiras, representa o momento em que o devoto encontra um ponto material de união com o sagrado, verticalizando o divino com o terreno.

Na Comunidade, os mastros são erguidos há pelo menos setenta anos, mas não há datação exata do primeiro hasteamento. Os Arturos levantam bandeiras em múltiplos momentos e por diversas motivações. Erguem os mastros das celebrações, de aviso, de pagamento de promessa e de devoção a determinado santo, entre outros. Os membros da Comunidade realizam o ritual em lugares simbólicos, tanto dentro da Comunidade quanto fora, como os cruzeiros, casas, igreja e capela.

Os foguetes, os sons emitidos pelos tambores, as caixas e gungas dos congadeiros anunciam o levantamento das bandeiras, um momento permeado por fé, seriedade, emoção e pela dança feita em torno dos mastros pelas Guardas de Congo e Moçambique. O levantamento dos mastros constitui-se assim, em um importante momento de criação da identidade devocional da Comunidade, pois é a ocasião de demonstração de fé aos santos protetores e de cumprimento das promessas.

*Ei! Esta bandeira de papai,
esta bandeira de mamãe,
vamos lá no altar visitar Nossa Senhora,
marinheiro, minha gunga saravar.*

Quando você tá próximo da festa de outubro, quando levanta o mastro de aviso, ali eu acho que você reza o primeiro Pai-Nosso. Dali pra frente, você está imbuído de um contexto, que ocê sabe que vai fechar no dia de terminar a festa quando você desce os mastros, a despedida.

João Batista da Luz



Figura 15: Construção de tambores na Capela da Comunidade – Foto: Lucio Dias.

Construção de Tambores

Os tambores são instrumentos de percussão compostos por uma membrana esticada geralmente sobre um suporte de madeira, que é golpeada para produzir o som. Os tambores se formaram, desde tempos longínquos, como instrumentos rituais e musicais em inúmeras culturas e são considerados sagrados em sua grande maioria. Geralmente são utilizados em momentos festivos e ritualísticos, quase sempre para a comunicação e interação entre indivíduos e/ou para invocações de antepassados ou divindades.

Nos Arturos também é atribuído sentido sagrado aos tambores, possuindo grande importância na celebração e nos ritos da Comunidade. Neles está atribuída a responsabilidade de manter a memória do período da escravidão, do sofrimento e resistência dos antepassados que viveram em cativeiro. A crença na sacralidade dos tambores está associada ao sentido mágico de comunicação com os ancestrais africanos e na aparição de Nossa Senhora do Rosário. Nessa narrativa os tambores do Candombe, Santana, Santaninha e Jeremias, vieram da África e estão na base fundante da devoção à Nossa Senhora do Rosário e em sua retirada das águas. Tais tambores só podem ser tocados nos “cantos à Nossa Senhora”.

Os demais tambores e caixas são construídos pelos próprios integrantes da Comunidade. São utilizados pelas guardas de Congo e Moçambique e também têm um sentido sagrado, sendo tocados preferencialmente, nas festas da Comunidade, como a Festa de Nossa Senhora do Rosário, Festa da Abolição e Festa do João do Mato.

A Comunidade dos Arturos constrói e faz a manutenção nos tambores ao longo de todo ano. Entretanto, essa atividade se intensifica nos períodos que antecedem as festividades. Além disso, os detentores desse saber realizam oficinas de construção de tambores em outras irmandades e comunidades que não detêm esse saber. A tradição da construção é antiga e se perde nos anos, sendo repassada de geração em geração dentro da Comunidade. Muitos enfatizam o papel do Raimundo Afonso da Luz que detinha amplo conhecimento sobre a construção dos tambores.

Ao som desses tambores é que várias questões foram realizadas. Desde a vinda, desde o negro ainda na África, a sua viagem, né? Aqui para o Brasil como escravo, aqui no Brasil trabalho escravo, então assim, o negro uma vez escravizado, tratados como animais era através de seus rituais que muita das vezes eles se comunicavam, porque durante o dia eles não podia nem se comunicar uns para com os outros, então as nossas tradições hoje tem uma origem, tem uma forma de ser realizada onde através dos cantos e da expressão da dança nós nos comunicamos uns para com os outros e os tambores contribuiu pra isso. E hoje a gente tem condições através do som dos tambores de reviver esse momentos, valorizar esses momentos dos nossos ancestrais e pra que a gente tenha condições de mostrar, de preservar e mostrar para as novas gerações o quanto é importante as nossas tradições.

Jorge Antônio

Os ancestrais da gente que não tá mais aqui, quando bate o tambor, parece que a gente ver eles tudo reunindo de novo.

Toninho



Figura 16: Criações durante a Festa da Abolição – Foto: Acervo IEPHA/MG.

Festa da Abolição

A celebração pela abolição da escravidão ocorre por todo o Brasil em lembrança ao fim do período escravocrata. Na Comunidade dos Arturos a festa faz a ligação com o tempo de cativo e com a libertação dos escravos. É o momento de rememorar a luta e o sofrimento de seus antepassados, além de possibilitar uma atualização daquele momento, revigorando o sentimento de força que os Arturos levam para a vida cotidiana.

Antigamente a festa era chamada de “Reinadinho” ou “Festa Pequena”, isso em função de durar menos dias que a chamada “Festa Grande”, em devoção a Nossa Senhora do Rosário. No início, a festa era realizada no próprio dia 13 de maio e dentro da Comunidade. Todavia, a partir da década de 1970 a celebração passou a ser “Festa da abolição”. A data da realização mudou para o segundo sábado e domingo do mês de maio, e houve um aumento da presença de público externo. A partir desse mesmo momento o município passou apoiar a celebração. Com isso foram introduzidos elementos como a encenação da assinatura da Lei Áurea, a caracterização de alguns Arturos como escravos, o boi e a Missa Conga. Atualmente os Arturos adotam uma postura mais crítica durante a Festa e utilizam o evento para discutir o papel do negro na sociedade e a luta por seus direitos.

A Festa da Abolição é um evento complexo composto por vários elementos com etapas distintas e, por vezes, simultâneas. Nos dias da celebração os Arturos, as guardas e ternos de congado de várias cidades de Minas, a população e turistas em geral, percorrem espaços dentro e fora da Comunidade, no vai e vem de cantos e cores. A Capela da Comunidade é o ponto central de onde saem e retornam os reis, rainha e as guardas. As ruas do entorno, os Cruzeiros, as Igrejas, a Casa Paterna, as casas de reis e rainhas e tantos outros, tornaram-se locais de passagem obrigatória.

Em cada um desses pontos ocorrem ritos e/ou eventos específicos que variam do Candombe à Matina, passando pelo levantamento de mastros e bandeiras, rezas, pagamento de promessas, Missa Conga, cortejos com o Reinado e as guardas e ternos. Uma miríade de sons, cantos e batidas que compõem a atmosfera. Do fogão e do forno saem os alimentos do corpo e da alma, para todos que ali estão.

A Festa da Abolição é uma confraternização para celebrar a liberdade e principalmente para não esquecer o passado de sofrimento e de angústia que os antepassados dos Arturos e de grande parte da população brasileira foi submetida. Por isso “as guardas, nesta festa, privilegiam os cantos que se referem ao cativo”¹⁰.

*“No tempo do cativo, quando o senhor me batia,
Eu gritava por Nossa Senhora, Meu Deus,
as pancadas em mim não doía,
Eu gritava por Nossa Senhora, Meu Deus,
as pancadas em mim não doía.”*

Você era discriminado por ser negro, discriminado por ser Artur e discriminado por participar de manifestação afrodescendente. Porque as pessoas faziam o pré-julgamento antes de conhecer a própria história.

João Batista



Figura 17: Culinária dos Arturos – Foto: Acervo IEPHA/MG e FUNDAC.

Culinária dos Arturos

A culinária da Comunidade dos Arturos é um importante elemento aglutinador, promovendo a união entre os membros da família e os visitantes. Nesta dimensão, a culinária está presente em todos os momentos, desde as vivências cotidianas, até as festas, rituais e celebrações tradicionais. Ela faz parte de um *sistema culinário*¹¹, uma relação de trocas simbólicas que integram o sabor, o gosto e o paladar, com a fé, a alegria e os agradecimentos, nos vários cafés, lanches, almoços e jantares ofertados pela Comunidade.

Nas festividades são estabelecidas aproximações entre os vários participantes. A conexão se refere, entre outras coisas, às obrigações ocasionadas pela cortesia recebida, oferecendo o alimento como forma de retribuir a visita de uma guarda. Nessa perspectiva, a comida torna-se simbólica e se une às trocas espirituais que ocorrem durante os festejos. Tal relação é ainda mais forte na Festa de Nossa Senhora do Rosário, pois o alimento é oferecido a Santa, e é por Ela que se dança, canta e vive.

Na cozinha, os alimentos produzidos fazem parte da “típica” comida mineira. Entre os ingredientes estão presentes principalmente polvilhos doce e azedo, farinha de trigo, fubá de moinho d’água e comercial, leite, açúcar, queijo, banha, manteiga, ovos, canjica, café, alfavaca, limão, coquinho licuri, arroz, feijão, macarrão, carnes, legumes, verduras, mamão, cravo da Índia, urucum, cheiro verde, alho, pimenta, coco e amendoim.

Os alimentos preparados são diversos. Geralmente na Festa de Nossa Senhora do Rosário há um café da manhã, com bolos e biscoitos e no almoço, arroz, tutu de feijão, e outros pratos alternados. No João do Mato e na Folia de Reis, o cardápio também é variável, podendo ser arroz doce, caldo de mandioca, feijoada, entre outros. Assim, unindo os ingredientes às técnicas do fazer, saem das gamelas de madeira, assadeiras, panelas, caldeirões, folhas de bananeira e do almofariz, a comida que alimenta o corpo e a alma. Sua preparação, tais como os biscoitos amarelo e branco, a rosquinha, o corre-corre, o roscão ou rosca da rainha, entre outros, é um ritual que está inserido no cotidiano da Comunidade.

[A culinária] significa que é uma tradição nossa da irmandade, da Comunidade, porque a gente vem, assim, aprendeu com nossa tia. Eu, principalmente, aprendi tudo com minha tia que já faleceu. E é bom, porque é a cultura, né, nossa e isso é uma diversão que a gente tem também. [...] a lembrança que eu tinha é que minha tia, que é falecida, como a sogra dela também, faleceu há pouco tempo, a minha mãe, minhas outras tia, minha tia Conceição, a gente vinha pra ajudar, tinha novena, [...], na casa da minha avó. E fazia os doces também, ajudava eles a fazê, que tinha, que criança num sabe muita coisa, mas elas tava ali ensinando a gente, tinha um doce de mamão que era enrolado, enroladinho, costurado, elas ensinava a gente a fazê, depois da novena a gente ia enrolando os docinho, ia fazendo, ia cortando as bandeirinha, isso tudo à noite antes da festa.

Lia



Figura 18: Dona Texane acompanhando o João do Mato – Foto: Acervo IEPHA/MG.

Festa do João do Mato

A Festa da Capina ou Festa do João do Mato está relacionada aos laços de solidariedade rural. A tradição de auxílio nas atividades de roçado, de capina, de limpeza de córregos, entre outras, eram características comuns do chamado Brasil rural e que gradativamente vem se modificando ao longo dos anos. A Festa do João do Mato se insere nesse contexto sociocultural, e por ser dinâmica, passa por mudanças.

Na Comunidade dos Arturos todos atribuem a tradição à “época do cativo”, remetendo ao tempo em que seus ancestrais eram escravos. Dona Tetane, Seu Mário e Seu Antônio, afirmam que seu pai, Arthur Camilo, aprendeu o rito ainda moço na Fazenda do Macuco, atual Esmeraldas/MG. Já naquele tempo, os familiares praticavam o ritual nos mutirões de capina. Atualmente a festa está se tornando cada vez menos frequente, em virtude, principalmente, da passagem do mundo rural para o urbano.

O rito consiste na expulsão do João do Mato, *símbolo antropomórfico da vegetação que nasce sem ser semeada e deve ser destruída*¹². No ritual da Comunidade, os trabalhadores vão roçando o mato e entoando cantos. Em determinado momento, quando a capina chega ao fim, surge de alguma moita o João do Mato. Após se verem, os roceiros e criatura discutem e os humanos dominam e expulsam o João do Mato de suas terras com enxadas e foices. Depois de vencida, a criatura é encaminhada em cortejo até a Casa Paterna, onde é feita uma proposta. Os trabalhadores oferecem uma prenda em troca de deixar as terras. O João do Mato aceita o presente e vai embora, mas não sem antes dizer que irá voltar no próximo ano e ocupar os lugares que não foram cuidados. Depois todas as crianças são chamadas para retirar as folhas e revelar a identidade do João do Mato, até então desconhecida.

O João do Mato informa sobre o comportamento da natureza e educa sobre como cuidar da terra para que os homens consigam cultivá-la. O rito deve acontecer antes do natal e geralmente ocorre na segunda semana de dezembro.

Antigamente dava gosto porque tinha capina grande de até quarenta home. Hoje num tem mais. Meu pai era chegado de mio e era chamado longe pra capiná. A urtima veiz que fui com ele foi em Ismeralda e tinha quarenta home. Capinava lindo e dexava ôtra pra ôtro. Capinava lindo e deixava uma moita. Alí iscundia o Juão-do-Mato. O Juão-do-Mato era como dono de capim. O rocerero começava a capiná a moita e ele pulava fora e falava: - Tiraro a minha moita e onde eu vô morá? Vô cumpanhá ôceis! O encarregado do mio intregava para o dono da roça e o banderero integrava a bandeira para o dono da casa.

Depoimento de Geraldo Artur, filho de Arthur Camilo, falecido na década de 1970¹³

Se ocê não deu conta de capinar sua roça até dia 24 aí todo mundo fazia aquela brincadeira porque a minha já tava pronta, a de todo mundo já tava limpa, então o João do Mato ele chegava, mandava: - O fulano, roça de fulano ele não deu conta. Ele abriu a perna demais mas não deu conta de fechar. É que porque ocê plantou milho demais e não deu conta de capinar.

Seu Antônio

Figura 19: Fitas no braço da viola – Foto: Acervo IEPHA/MG.



As Folias

As Folias de Reis são festejos de origem europeia, comemorados como forma de rememorar a história bíblica da viagem dos três Reis Magos, que saíram à procura do Menino Jesus para presenteá-lo. A tradição teve início na Península Ibérica e posteriormente foi transportada para a América Portuguesa. Inicialmente, a maioria das folias acontecia nas comemorações litúrgicas do ciclo do Divino Espírito Santo, ou Festa de Pentecostes, uma das celebrações mais antigas do catolicismo popular, ainda no século XIV. Com o passar do tempo, o rito se estendeu para outras datas e, assim expandiu-se em Folia de Reis, a Folia de São Benedito, a Folia de São Sebastião, entre outras. Os ritos apresentam essencialmente o canto, a dança e o teatro, e por meio dessas expressões os foliões articulam a fé com o divertimento, a junção entre o sagrado e o profano.

Nos Arturos a festividade teve início no final do século XIX, período em que, de acordo com Mário Braz da Luz, seu avô, Camilo Silvério, já realizava a celebração juntamente com seu pai, Arthur Camilo, e seu sogro, Joaquim Quadros, que era mestre de Folia. Segundo ele, dentro da Comunidade o rito começou a ser praticado a partir da promessa que Joaquim Quadros fez a São Sebastião, pedindo que voltasse a chover e para que a febre amarela fosse eliminada. Alcançada a graça, o pagamento foi o de realizar a Folia durante o mês de janeiro e recolher “esmolas” para a celebração de uma missa para o santo.

A Folia de Reis nos Arturos conta com os Reis Magos: Belchior ou Melchior, Gaspar e Baltazar, que são representados pelos palhaços chamados: Véio, Friage e Bastião. Véio representa Belchior, Friage é Gaspar e o Bastião, Baltazar e São Sebastião. Na Comunidade os palhaços são considerados sacros, atuando em diversos momentos com falas religiosas. Os palhaços são os personagens principais da Folia. São eles que carregam a bandeira com a imagem dos Reis Magos e conversam com os donos das casas lhes contando da trajetória dos reis e do nascimento de Jesus. Além disso, são responsáveis por entreter crianças e adultos com suas brincadeiras e danças, como a catira ou lundu e o “bate pau”.

Na celebração os foliões vão de casa em casa cantando em cortejo. Quando chegam a determinada residência perguntam: “*Oi senhor dono da casa, abre a porta acende a luz. Abre, abre a sua porta*”. A casa é aberta e dentro dela aparece o dono. Bastião explica que estão seguindo a estrela de Belém “*à procura do Messias verdadeiro*”. O dono convida a folia para entrar e o palhaço pergunta se quer que entrem calados ou cantando, a resposta é sempre “cantando”. A bandeira é entregue ao dono da casa que percorre os cômodos. Depois são cantadas músicas juntamente com os moradores, e quando existe um presépio na residência, cantam em frente a ele.

Todo ano eu danço e gosto, ajudo todo mundo aí, quando eu num visto a farda eu ajudo eles aí a cantar. Eu gosto muito de folia de reis. A folia é tudo pra mim, porque é do sangue né? Tem o sangue da Comunidade aí. Gosto muito da folia e é tudo pra mim.

Lucílio, palhaço bastião



Figura 20: Batuque de Roda – Foto: Acervo IEPHA/MG e FUNDAC.

Batuque

O Batuque se constitui em uma dança de matriz africana, coreografada coletivamente em forma de roda, tendo se disseminado na América Portuguesa por meio dos africanos escravizados. Praticada até hoje em algumas regiões do Brasil, foi uma das expressões culturais responsáveis pelo surgimento, entre outros, da dança de roda, quando o sagrado e o profano se fundem em uma mistura de ritmos, em que as “batidas” no tambor determinaram o canto e a gestualidade. A dança se organiza com o alinhamento de homens junto aos seus instrumentos musicais, em frente a uma fileira de mulheres, formando um corredor no meio, onde a dança acontece. Predominam nessa dança, os instrumentos de percussão, atabaques, guaiás, puítas, pandeiros e por vezes uma viola.

Na Comunidade dos Arturos, a expressão surgiu por meio de Arthur Camilo, que repassou para seus filhos a forma de cantar e dançar do Batuque. Segundo Conceição Natalícia, a Dona Tetane, Mestre do Batuque e filha de Arthur Camilo, a dança foi repassada por seu pai há aproximadamente 80 anos, quando ela e seus irmãos eram crianças. Segundo Dona Tetane, este também era o momento em que o pai criava um cenário de divertimento e descontração para seus filhos.

Mário Braz da Luz, também filho de Arthur, diz que antigamente o Batuque era realizado durante a madrugada até o amanhecer, logo após as danças tradicionais das festas de casamentos e/ou aniversário. Diz que seu pai gostava que se dançasse o Batuque “de manhã cedo”, não se preocupando em “importunar” quem queria continuar dançando forró. Para esses momentos entoava o seguinte canto:

“ O Batuque é bão é de manhã cedo,
de cara fechada eu não tenho medo.
O Batuque é bão é de manhã cedo,
de cara fechada eu num tenho medo.”

A dança se tornou uma tradição na Comunidade, entretanto, segundo os filhos, o Batuque perdeu um pouco da magia e da alegria que conduzia a dança após a morte de seus pais, ficando interrompido por um período. Recentemente, a partir da crença de que seus antepassados se fazem presentes nos festejos da Comunidade e da saudade de realizar o Batuque, fez com que a dança voltasse a ser realizada pelos Arturos.

Ai minha moreninha, olha lá que eu te dou um tiro ai ai, olha lá que eu te dou um tiro ai ai. Agora a resposta, É um tiro de revolver. Só as moças, as donas e as senhoras cantavam no batuque, cantavam é um tiro de revolver com uma bala de suspiro ai ai, é uma bala de suspiro ai ai. O batuque começou com papai. Ele, nós tava tudo pequeno ele dançava e punha nós pra dançar junto com ele. Ele ensinava nós, segura nós, ensinava nós.

Dona Tetane

Batuque na cozinha a sinhá não quer, tição relou queimou meu pé. Ele começa na cozinha. Quando tinha algum casamento a turma, forró, quando acabava o forró e o povo cansava aí ele entrava e chamava nós pra dançar o batuque. Aí o povo que vem, quem tá de fora não entra não.

Seu Mário

Figura 21: Molho de medalhas – Foto: Acervo IEPHA/MG.



A Benzeção e seu ofício

O rito da benzeção sempre foi e é bastante difundido em todo o Brasil, embora também houvesse restrições à prática. No meio rural, as benzeções, o conhecimento sobre as plantas e sua utilização na cura de moléstias eram práticas comuns. A medicina oficial era encontrada somente nos grandes centros urbanos e seu acesso era limitado a pessoas ricas. As rezas e os chamados “remédios do mato” eram a forma mais comum de se tratar uma série de males que variavam de picadas de animais peçonhentos, dermatites, insolações, desgastes naturais do organismo, até disfunções causadas pelo contágio com seres sobrenaturais.

Na Comunidade dos Arturos, a benzeção emergiu da necessidade de cura dos males que afetavam seus membros, portanto está envolvida por uma religiosidade própria que faz com que a prática adquira formas distintas. Uma delas é a tradição vinculada ao culto de Nossa Senhora do Rosário. A fé é o manancial para a prática da benzeção cujos herdeiros de Arthur Camilo são seus portadores mais legítimos.

Arthur Camilo e seu amigo pessoal, o congadeiro José Aristides, eram as primeiras referências na transmissão dos saberes da cura na Comunidade, sempre baseada na fé em Rosário de Nossa Senhora. Arthur passou seus ensinamentos a seus filhos Geraldo, Rei Congo de Minas Gerais¹⁴, e Juventina, Rainha Conga de Contagem, que eram os responsáveis pela saúde física e espiritual da Comunidade. Após o falecimento dos dois filhos, coube a outro irmão o Sr. Mário Braz da Luz assumir o posto de benzedor oficial da Comunidade, ensinamento que recebeu de sua irmã Juventina.

A benzeção pode acontecer em qualquer lugar, mas a preferência de Sr. Mário para o rito é o espaço em frente à casa paterna. Todos os dias, exceto nos finais de semana, enquanto houver luz natural, o Sr. Mário atende aos que chegam para benzer. A procura é grande e a esposa de Mário, Sra. Maria Auxiliadora, diz que as pessoas costumam procurá-lo até às nove horas da noite.

A benzeção faz parte do cotidiano da Comunidade dos Arturos. Para benzer é preciso ter o dom e a fé. Atualmente existem poucos benzedores na Comunidade, mas alguns de seus membros têm a fé necessária e o conhecimento das orações e das plantas para darem seguimento as palavras de cura.

Nossa Senhora Aparecida tire esse quebrante, proteje seu anjo de guarda, chega essa coluna do lugar pra tirar essa depressão, chega sua espinhela no lugar. Eu benzo ocê de carne quebrada, chega essa espinhela no lugar, chega essa coluna no lugar. Que a Nossa Senhora Aparecida vai dar ocê uma boa hora, ela que vai ser sua médica, Senhora do Rosário, ela que vai ser sua médica, vai dar ocê uma boa hora e protege ocê. Ocê tá cercada pela luz branca divina.

Você pede a Nossa Senhora, vou te benzer fulano com Nossa Senhora Aparecida, ela me dá aquele poder no ocê, abençoa as palavras. Benza a pessoa pela Nossa Senhora. Ela foi a padroeira nossa, e todo mundo tem a fé com Nossa Senhora, tudo que cê pede ela ocê é atendido, é uma dor de dente, é!!! Nossa Senhora do Rosário anda apertado com nós aqui porque nós somos devotos dela.

Seu Mário



Figura 22: Plantas usadas na benzeção – Foto: Acervo IEPHA/MG.

Conhecimentos das Plantas

O saber relacionado às plantas é antigo e está presente em diversas sociedades. No Brasil, sua utilização para fins curativos nasceu com os primeiros habitantes da terra, que possuíam habilidade no reconhecimento e no uso terapêutico das plantas. Até o século XVIII, os europeus instalados na região que se tornou o Brasil não demonstraram interesse em conhecer os elementos medicinais das plantas. Somente após esse período, começaram a considerar o potencial das plantas curativas como recurso para a cura das moléstias dos trópicos. Nesse contexto, os saberes dos indígenas foram apropriados pelos europeus, no momento em que a medicina oficial e a ciência farmacêutica ainda estavam em formação. Com o tráfico transatlântico, os africanos escravizados também trouxeram para a colônia seus conhecimentos sobre as ervas medicinais.

Diante disso, a confluência dos saberes africanos, indígenas e europeus, mesclou-se e resultou em uma multiplicidade de ofícios praticados por benzedores, sangradores, curandeiros, barbeiros, raizeiros, parteiras, entre outros. É importante ressaltar, que nesse processo caminham juntas magia, religião e cura, sendo comum encontrar para cada tipo de doença um santo ou uma divindade que atue juntamente com a planta no tratamento da enfermidade.

Na Comunidade dos Arturos, o conhecimento e a utilização das plantas como recurso curativo surge com Arthur Camilo. Arthur era “*um caçador nato*”, nas palavras de seu neto José Bonifácio da Luz, o Bengala, é lembrado ainda hoje como um grande mateiro, ou seja, aquele que tinha domínio sobre a natureza da região e que conhecia as características de cada espécie, indicando sua comestibilidade e seus usos. Conhecia plantas em que sua utilização poderia ser medicinal e até mágica, como era o caso do *cipó caboclo*: “*o cipó caboclo se você amarrá o caboclo com cipó caboclo, amarrar ele mesmo, tá amarrado mesmo. Ele pode até soltá do cipó, mas a vida dele vai...*”.

Quando a Comunidade se estabeleceu territorialmente, seu espaço se colocava em um contexto agrário, com abundância de plantas com poder curativo. Esse saber se reflete na Benzeção, que tem como característica o uso de plantas como auxiliares à cura. De uso medicinal ou mágico/religioso, as plantas que curam fizeram e fazem parte do cotidiano da Comunidade, seja através da Benzeção ou do uso medicinal.

Atualmente, o saber relacionado às plantas é dominado por poucas pessoas da Comunidade, sendo o Seu Mário, filho de Arthur, quem melhor conhece este saber. Sua esposa, Maria Auxiliadora, diz ser bastante chazeira e os prepara para seus netos e bisnetos, “*aquela mania de neto pra vó e de vó pra neto*”, quando lhe solicitam para dores de cabeça, resfriados, ou por um simples afeto.



Figura 23: Dona Tetane, "Seu" Mário e "Seu" Antônio – Foto: Acervo IEPHA/MG.

Mestres

Dona Tetane, Seu Mário e Seu Antônio.

Ao falar de patrimônio cultural imaterial diz-se de um patrimônio vívido, de uma prática cultural que depende exclusivamente das pessoas. Para que uma tradição permaneça é preciso transmití-la, e a figura dos mestres é fundamental nesse processo. A transmissão pode ocorrer de várias formas, mas a transmissão oral é fator principal para a manutenção de muitas tradições presentes no Brasil e em Minas Gerais, como a Benzeção, o Congado, a Folia, e outros. O Mestre transfere seus saberes continuamente por meio da oralidade, considerando sua “vocaçãõ” para ensinar e seu desejo de perpetuar o que um dia lhe foi passado.

Para o IEPHA/MG, a identificação e valorização dos Mestres é parte fundamental em um programa de patrimônio imaterial. Reconhecer e valorizar o chamado *patrimônio vivo* é dever da sociedade e do estado que deve promover ações nesse sentido. Ser mestre é não apenas deter o conhecimento, mas fundamentalmente transmiti-lo a outras gerações.

Na Comunidade dos Arturos as tradições são repassadas dos mais velhos aos mais jovens, respeitando os valores que os unem e que lhes dão identidade. Assim como outros Arturos já falecidos, Dona Tetane, Seu Mário e Seu Antônio são reconhecidamente mestres. Os três são a referência da Comunidade na transmissão de diversas tradições. Os saberes que detêm ultrapassam uma expressão cultural ou um rito. Seus conhecimentos são amplos e eles são mestres das tradições relativas ao Reinado/Congado de Nossa Senhora do Rosário da Comunidade dos Arturos.

Dona Tetane é a principal referência no Batuque. Tem, ao longo dos anos, passado para as novas gerações o conhecimento e prática do canto e da dança do Batuque, mostrando aos mais jovens a importância de se preservar essa tradição que ela carrega do seu pai Arthur Camilo¹⁵. Seu Mário é o principal benzedor dos Arturos e possui uma grande habilidade para transmitir seus ensinamentos. Seu Antônio é conhecedor das tradições da Comunidade dos Arturos, ele transmite as orientações para os demais membros, nas manifestações, ritos e comemorações, principalmente as relacionadas ao Reinado de Nossa Senhora e à Guarda do Congo. Também ensina os cantos da Folia de Reis e a importância da adoração ao Menino Jesus.

Papai tinha muita fé! Ele nasceu no reinado e morreu no reinado. Ensinava os filhos, ensinava todos que queria brincar ele ensinava, dançava. Ele acostumou os filho tudo acompanhando ele, todos eles dançam reinado, até hoje é os filhos que faz o reinado.

Dona Tetane

Meu pai dava a força do inxemplo pra nós. Pra trabaiá e pra dançá. Ele pedia nós pra continuá com a festa, de qualqué forma. Até quando ele adoeceu. Nós interrô ele, mas num interrô a festa do Rosaro. E ele fica com nós. Quando eu canto, vejo ele me olhano, satisfeito, igual quando ele cantava. Aí eu pulo e danço...Nossa Senhora! E eu e ele! Que força que ele dá pra nós!

Seu Antônio

[...] ela (Juventina) viu que eu tinha, (o dom) e eu...ela pediu pra mim benzê ela, eu fui benzê, eu falei: ‘mas eu não sei benzê’. [Juventina] - ‘mas tô te ensinado ocê!’ [Mário] - Eu benzi ela e no outro dia ela falou comigo: ‘olha, ocê pode continuá! Minha dor de cabeça, cê já tirou ela’.

Seu Mário



Figura 24: Encenação dos Filhos de Zambi – Foto: Acervo Comunidade dos Arturos.

Grupo Filhos de Zambi

O Grupo Afro-Brasileiro Arturos Filhos de Zambi, originou-se em meados de 1992, a partir da iniciativa de integrantes da Comunidade. No início surgiu como uma forma de trabalhar temas e questões afro-brasileiras. A primeira apresentação foi na Capela do Rosário da Comunidade, onde fizeram uma roda e uma oficina de percussão. Rapidamente passaram a ter suas atividades ampliadas, adentrando em outros campos como o teatro, a dança e a percussão.

O grupo é formado em sua maioria por jovens Arturos, mas também integram crianças e adultos. Os próprios membros ensaiam e montam as apresentações, sendo por vezes, professores e aprendizes uns dos outros. Muitas das histórias, danças e ritmos apresentados pelo Filhos de Zambi são expressões próprias da Comunidade, aprendidas no convívio e principalmente pelo contato com os mais velhos.

Os Filhos de Zambi, além de serem um instrumento de motivação para os mais jovens, tem papel importante em refrear os processos constantes de espetacularização dos ritos e celebrações da Comunidade. Principalmente, pelos inúmeros convites que as Guardas do Congo e Moçambique recebem para se apresentar em eventos. Nesse sentido o grupo se constitui como uma alternativa ao processo de exploração dos valores religiosos, buscando resguardar o âmbito sacro em que as guardas estão inseridas. O grupo é o responsável pela encenação da abolição da escravatura na Festa da Abolição.

Então, com isso, trazendo os jovens para os Filhos de Zambi, que é uma coisa assim, mais solta, porque, o Congado, tem aquela coisa do respeito, da religiosidade, nem tudo pode fazer dentro do congado, tem todo um respeito. Tem uma norma a ser cumprida dentro do Congado. Não que os Filhos de Zambi não tenham. Mas é uma coisa mais pra jovem mesmo. Mais livre, mais solta, então, eles vieram. Nós viemos de novo. Aí tá aí. Já vai voltar pro congado, vai valorizando, aprendendo a valorizar, aí já vai ajudando na cozinha, já vai sendo fiscal. Então vai voltando tudo. De uma forma ou de outra. Então eu acho que a importância pra Comunidade foi isso. Principalmente para os mais velhos. O meu avô, meu tio, veem isso por este lado. Os Filhos de Zambi resgatando as pessoas para o Congado. Porque é a cultura maior, é o carro chefe dos Arturos. Que é o Congado. A guarda de Congo e de Moçambique. Então eles precisam muito da gente. Nós temos que estar aí segurando, puxando que eles estão indo e nós ainda estamos aqui né. Então tem que manter.

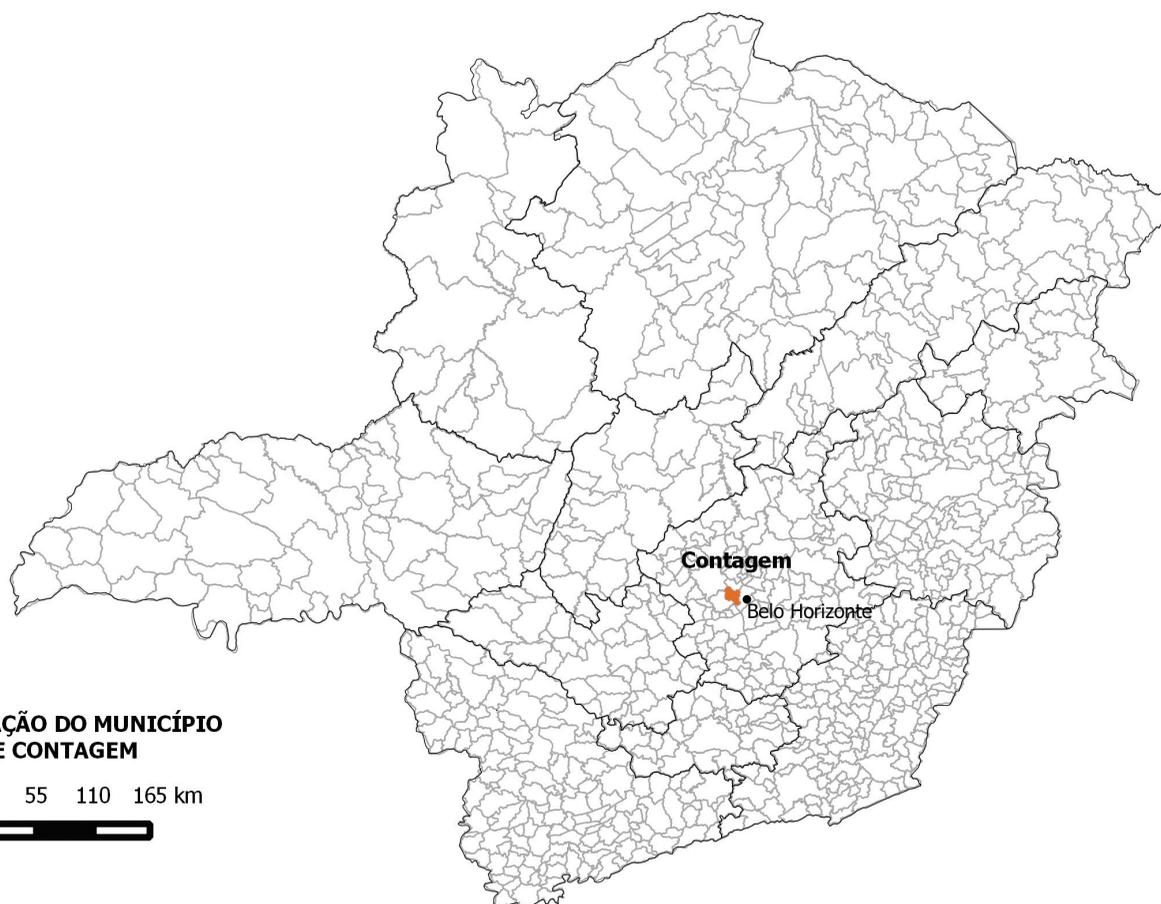
Renata

A história, a gente puxa mesmo da história, de nós mesmos né. Muitas vezes pra montar o próprio grupo de dança como o teatro a gente faz estudo até mesmo da própria Comunidade. Por que eu creio que depois que a gente começou a mexer com o grupo de dança e de teatro a gente sabe muito mais da Comunidade do que se a gente não... porque o grupo é que fez a gente pegar e vamos estudar a história. Por que, se não, nós não estaríamos sabendo tanto sobre a Comunidade e nem valorizando. Porque tem muitos jovens aqui da Comunidade que não participam de nada. Que se perguntar eles não tem a noção da história. Não sabem. Não tem noção assim, do tamanho, da importância de ser um Arturos, o tamanho e a riqueza que é essa Comunidade.

Miriam



Figura 25: Palhaço da Folia de Reis - Foto: Acervo IEPHA/MG.



**LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO
DE CONTAGEM**

55 0 55 110 165 km



Contagem foi emancipada em 1911, pela lei nº 556 de 30 de agosto do mesmo ano. O município está localizado na Região Metropolitana de Belo Horizonte, possui uma área de 195,268 km². A população total é 603.442 habitantes¹⁷.



Figura 26: Crianças da Guarda de Congo durante a Festa do Rosário – Foto: Acervo IEPHA/MG.

NOTAS

- ¹ UNESCO. Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, Paris, 2003.
- ² Decreto nº 42 505 de 15 de abril de 2002 - Institui as formas de Registros de Bens Culturais de Natureza Imaterial ou Intangível que constituem patrimônio cultural de Minas Gerais. Art. 01 § IV - Livro de Registro dos Lugares, onde serão inscritos mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e se reproduzem práticas culturais coletivas.
- ³ Na fala dos próprios Arturos.
- ⁴ Livro de Receitas e despesas da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, 1888 – 1889. Cx. 99, (E. 1 – P. 6). MEMORIAL DA ARQUIDIOCESE DE BELO HORIZONTE: Listagem dos Livros de Registros Paroquiais. Paróquia São Gonçalo – Contagem.
- ⁵ De acordo com Leda Martins, “Os Reinados negros podem ser lidos como um microsistema que opera no interior do macrosistema, dramatizando um modo de reelaboração secular e religioso diverso, inscrito no cotidiano das Comunidades, expressão de uma cosmovisão e de uma vivência do sagrado singulares”. MARTINS, leda Maria. Afrografias da memória: o reinado no jatobá. São Paulo: perspectiva: Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997.
- ⁶ A utilização da palavra Reinado foi estabelecida em conjunto com a Comunidade, em função do entendimento de que a denominação Reinado poderia representar melhor os valores expressos pelo bem cultural.
- ⁷ MARTINS, Saul. Congado: família de sete irmãos. Belo Horizonte: SESC, 1988. 48p; LUCAS, Glaura. Os sons do Rosário – O congado mineiro dos Arturos e do Jatobá. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- ⁸ A Mestiçagem Cultural é um processo de mesclas entre diferentes culturas e povos que resultam em algo novo com influências diversas das culturas que lhe deram origem.
- ⁹ CÂMARA CASCUDO, Luis da. Dicionário do Folclore Brasileiro. Editora Itatiaia: Belo Horizonte, 1993.
- ¹⁰ LUCAS, Glaura. Os Sons do Rosário: o congado mineiro dos Arturos e Jatobá. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- ¹¹ GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Sistemas culinários como patrimônios culturais. In.: Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios, Rio de Janeiro, 2007. p.159 – 174.
- ¹² Tesouro do Folclore Nacional.
- ¹³ SABARÁ, Romeu. Comunidade negra dos Arturos: o drama de um campesinato negro no Brasil. São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais da USP, 1997. 303p. Tese de Doutorado em Antropologia Social.
- ¹⁴ Eleito pela Federação dos Congados do Estado de Minas Gerais.
- ¹⁵ Dona Tetane recebeu também o Prêmio Mestres da Cultura Popular – edição Humberto Maracanã em 2008, o que possibilitou a divulgação do seu saber em outras cidades e estados.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CÂMARA CASCUDO, Luis da. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Editora Itatiaia: Belo Horizonte, 1993.

GOMES, Núbia Pereira de M. e PEREIRA, Edimilson de Almeida. *Negras raízes mineiras: Os Arturos*. Belo Horizonte: Mazza, 2000.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Sistemas culinários como patrimônios culturais. In.: *Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios*, Rio de Janeiro, 2007. p.159 – 174

INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE MINAS GERAIS – IEPHA/MG. *Dossiê de Registro da Comunidade dos Arturos – Contagem/ MG*. Belo Horizonte, 2014.

INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE MINAS GERAIS, IEPHA/MG. FUNDAÇÃO CULTURAL DE CONTAGEM, FUNDAC. *IPAC/MG - Comunidade dos Arturos*. Belo Horizonte, 2014.

INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE MINAS GERAIS, IEPHA/MG. FUNDAÇÃO CULTURAL DE CONTAGEM, FUNDAC. *Referências Culturais da Comunidade dos Arturos*. Belo Horizonte, 2013.

LUCAS, Glaura. *Os Sons do Rosário: o congado mineiro dos Arturos e Jatobá*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

MARTINS, Saul. *Congado: família de sete irmãos*. Belo Horizonte: SESC, 1988. 48p; LUCAS, Glaura. *Os sons do Rosário – O congado mineiro dos Arturos e do Jatobá*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

MEMORIAL DA ARQUIDIOCESE DE BELO HORIZONTE: Listagem dos Livros de Registros Paroquiais. Paróquia São Gonçalo – Contagem. Livro de Receitas e despesas da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, 1888 – 1889. Cx. 99, (E. 1 – P. 6).

SABARÁ, Romeu. *Comunidade negra dos Arturos: o drama de um campesinato negro no Brasil*. São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais da USP, 1997. 303p. Tese de Doutorado em Antropologia Social.

UNESCO. *Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial*. Paris: UNESCO, 2003.

Projeto Inventário para fins de Registro da Comunidade dos Arturos:

Coordenação Geral – Luis Gustavo Molinari Mundim

Coordenação FUNDAC – Carolina Dellamore Batista Scarpelli

Equipe Técnica – Adebald Andrade Junior (Historiador), Ailton Batista da Silva (Restaurador), Alexandra Ponsá (Geografa), Clarice Murta Dias (Geografa), Débora Raiza Carolina Rocha Silva (Historiadora), Fabiele Cristina Santos Costa (Historiadora), João Batista da Luz (Arturos), Jorge Antônio dos Santos (Arturos), José Bonifácio da Luz (Arturos), Leonardo Augusto Silva de Freitas (Antropólogo), Luis Gustavo Molinari Mundim (Historiador) e Rosana Marques (Arquiteta)

Estagiários – Ana Carolina Fernandes, Ana Rita Andrade, Bárbara Magalhães, Bruna Luisa de Paula, Carmem Guimarães, Hugo Mateus Gonçalves Rocha, Isabela Fernanda Gomes Oliveira, Lucas Pires Augsten Capanema, Mariana Rabêlo de Farias, Paulo Ricardo Silva Rodrigues.

Apoio Administrativo – Ana Lúcia Palhares Esteves Fonseca, Tânia Maria Moreira Dalfior, Diretoria de Planejamento, Gestão e Finanças – DPGF e Assessoria de Comunicação Social

Colaboração:

Comunidade dos Arturos

Gerência de Identificação – GID

Glaura Lucas – Prof.(a) Dr.(a) da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

João Paulo Martins

Ludmila Toledo

Mônica Eustáquio Fonseca – Memorial da Arquidiocese de Belo Horizonte

Prefeitura Municipal de Contagem

Rede Minas

Cadernos do Patrimônio Imaterial

Coordenação da publicação – Luis Gustavo Molinari Mundim

Adaptação de textos – Débora Raiza Carolina Rocha Silva e Luis Gustavo Molinari Mundim

Revisão – Antônia Cristina de Alencar Pires e Isa Maria Marques de Oliveira

Fotografia – Adebald Andrade Junior, Alessandra Godoy, Ana Fernandes, Carolina Dellamore, Débora Raiza Carolina Rocha Silva, Fabiele Costa, Leonardo Freitas, Luis Gustavo Molinari Mundim, Rosana Marques

Foto de Capa – Adebald Andrade Junior

Projeto gráfico, capa, diagramação e arte final – Pablo do Prado Soares

Gerência de Patrimônio Imaterial – Contato: imaterial@iepha.mg.gov.br

ISBN: 978-85-66502-04-6



REALIZAÇÃO



Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais – IEPHA/MG
Rua dos Aimorés, nº 1697 – Funcionários – CEP: 30.140-071 – Belo Horizonte (MG)
(31) 3235-2800 – www.iepha.mg.gov.br